

## Introdução

Paulo César Rodrigues

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

RODRIGUES, P. C. Introdução. In: *Introdução à filosofia de Bergson* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2022, pp. 15-19. ISBN: 978-65-5714-302-5. <https://doi.org/10.7476/9786557143025.0002>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

# INTRODUÇÃO

Se voltarmos nossa atenção para o interior de nós mesmos e observarmos o que se passa em nossa consciência, certamente constataremos a sucessão dos mais variados estados psicológicos: pensamentos, sentimentos, lembranças etc. A consciência jamais irá se apresentar ao nosso olhar interior como um bloco unificado ou como uma realidade inalterável. É possível conjecturar que a natureza da consciência é uma multiplicidade de estados psíquicos em mudança ininterrupta, algo muito próximo daquilo que William James chamou de “fluxo de pensamento”. E quanto ao resto da realidade? Será que a realidade, em seu conjunto, apresenta a mesma estrutura móvel, constatável no âmbito psicológico?

Tomemos, de início, o exemplo do objeto mais próximo de nós: nosso corpo (e as constatações a seguir podem ser estendidas a todos os seres vivos complexos). Nosso corpo já foi um corpo de criança, um corpo de bebê, um feto e um zigoto (mera junção das células reprodutivas masculina e feminina, antes do estágio da divisão celular). Para nos tornarmos um indivíduo adulto, foi preciso atravessar todas essas fases. E, entre uma fase e outra, é sempre possível introduzir uma quantidade incalculável de microfases. Por exemplo, entre o zigoto e o feto pronto para nascer, há um desenvolvimento embrionário que os pais de primeira viagem acompanham ansiosamente,

graças às técnicas de ultrassonografia, que hoje permitem visualizar o amadurecimento do feto mês a mês, semana a semana. Evidentemente, o desenvolvimento do organismo não se encerra com o nascimento da criança, tampouco com a formação de um indivíduo adulto. Ele é um processo contínuo de transformações, que se inicia com a fecundação do óvulo e se conclui com a morte do indivíduo. Minto! O processo já estava em curso, no corpo dos genitores, antes da fecundação; e não estanca nem mesmo com a morte do indivíduo, uma vez que, após a morte, organismos saprófagos (bactérias, fungos etc.) irão realizar o trabalho de decomposição da matéria orgânica, devolvendo para a natureza os componentes químicos aí envolvidos.

Pois bem: e quanto à matéria bruta? Será que no âmbito da chamada matéria inanimada encontramos objetos estáveis, invariáveis, fixados de uma vez por todas numa determinada forma? Ao que tudo indica, não! Tomemos o exemplo de uma rocha. Por mais que da perspectiva humana suas transformações sejam lentas, não podemos negar que esse objeto é o resultado atual de uma quantidade imensa de eventos geológicos, os quais ocorreram ao longo dos milênios e que continuam a se realizar silenciosamente. Para mencionar apenas os fenômenos mais notáveis, uma rocha sofre constantemente a ação do vento e das águas. Se essas ações eólicas e pluviiais deslocam um grão de areia da direita para a esquerda, de cima para baixo, pode-se dizer que a rocha já não é a mesma, posto que se alterou, embora minimamente, de modo imperceptível para o olho humano. Convenhamos: essas pequenas modificações acontecem o tempo todo. A rocha – assim como o resto da matéria bruta – encontra-se igualmente envolvida pelo gigantesco processo de transformação de todas as coisas.<sup>1</sup>

---

1 Não é à toa que Bergson admira a nova física (a física do final do século XIX e início do XX, ou seja, o eletromagnetismo e a mecânica quântica), pois ela demonstra que a matéria, particularmente no nível subatômico, não é constituída por corpúsculos sólidos que se chocam, mas por um campo de forças, de movimentos, de relações.

Por fim, os objetos técnicos, produzidos pela ação humana (casas, máquinas, livros...), também apresentam a mesma característica que foi encontrada na consciência, nos seres vivos em geral e na própria matéria bruta. Neste momento, estou escrevendo sobre a mesa de madeira que herdei de meu pai, o qual, por sua vez, herdou do meu avô, e que pretendo deixar para meus filhos e, talvez, para meus netos. É bem provável que essa mesa, por ser de madeira maciça, resista a cinco gerações. Mas fatalmente chegará o dia em que a mesa perderá seu vigor, sua resistência, sua utilidade. Será jogada no lixo e se desintegrará, como tudo o mais, dispersando seus elementos. A propósito, numa sociedade de consumo, é de todo interesse que os objetos sejam rapidamente descartados, rapidamente substituídos por outros objetos.

Após essas exemplificações simples, já podemos dizer – juntamente com o filósofo Henri-Louis Bergson (1859-1941) – que a realidade não é composta por coisas prontas. O fixo, o acabado, o inalterável só pode ser obtido por meio de abstração, ou seja, de trabalho intelectual (na geometria, por exemplo, quando se constrói o conceito de triângulo retângulo, concebe-se uma figura plana que possui sempre as mesmas propriedades, a mesma definição). Trata-se de meras ideias, perfeitamente concebíveis pela nossa inteligência, mas que não correspondem ao próprio real, tal como ele é em si. Se apreendêssemos o real de modo desarmado, diretamente, aquém dos conceitos, das ideias gerais que usamos para interpretá-lo, notaríamos que ele é, em todos os níveis (psicológico, biológico, físico-químico etc.), movimento contínuo, transformação, processo. Para empregar o termo filosófico apropriado: o real é “devir”. Essa foi a constatação mais importante da filosofia de Bergson. Na verdade, ele enfatizou algo bastante evidente: nada é estático ou inerte, apesar de chamarmos a matéria bruta de “matéria inerte”. Ao contrário, tudo vibra e se transforma.

Alguns filósofos modernos, hoje chamados de mecanicistas, conceberam o real como um sistema de corpúsculos imóveis em si mesmos, de forma que precisaram explicar como esses corpúsculos foram postos em movimento, que força os animou, combinando-os

de diversas maneiras e, assim, produzindo todos os fenômenos da natureza. René Descartes, por exemplo, sentindo a dificuldade do problema, apelou e recorreu a Deus: Deus é a causa dos movimentos que constatamos na natureza. Bergson, por sua vez, reconhecendo o embaraço desses filósofos mecanicistas em explicar a origem do movimento, pontuou que é preciso pensar o real, desde sempre, como atividade; enfim, como algo que está “se fazendo” e que nunca se conclui. O fruto não é a conclusão da árvore, assim como a árvore não é a conclusão da semente. São momentos de um processo que envolve toda a história do universo e que se prolongará indefinidamente no futuro. O problema maior, portanto, não é o de explicar como o movimento se acrescenta às partículas inertes, mas o de explicar como conseguimos conceber o estático, uma vez que tudo é movimento, devir incessante.

A opção pela imobilidade não é, todavia, exclusiva da modernidade. O hábito de pensar uma realidade estável como dado primordial, de sorte que o movimento viria a se acrescentar aos elementos imóveis, remonta à própria origem da filosofia, impregnando a história da metafísica desde os gregos pré-socráticos. Dentre esses filósofos, figura Zenão de Eleia, discípulo de Parmênides, como um dos principais responsáveis por desviar o pensamento da rota que o conduziria a uma verdadeira filosofia do devir. Nesse sentido, o mecanicismo moderno, coroado pela ciência moderna como a verdade do mundo natural, prolonga tendências que se enraízam na origem da racionalidade do Ocidente. Acompanhando as reflexões bergsonianas, esperamos que, ao longo de nosso trabalho, particularmente na conclusão, as razões pelas quais a filosofia optou pela imobilidade se esclareçam.

É necessário notar, ademais, que o bergsonismo não é, pura e simplesmente, a afirmação de um mobilismo universal. Na verdade, diante da realidade movente, Bergson não hesitou: o real não está no tempo, pois o real é tempo. Para expressar essa ideia, usou o termo “duração” (*durée*), que é a noção fundamental de sua filosofia. Com esse termo, quis dizer que o real é um processo temporal que nunca termina, jamais assumindo o aspecto de coisa acabada. Constatou

essa verdade filosófica primeiramente no plano da consciência (nível psicológico). Depois, estendeu-a aos domínios da matéria e da vida em geral (nível cosmológico), assim como, mais tarde, aplicou-a ao âmbito dos assuntos humanos: sociedade, moralidade e religião (nível antropológico).

Este é o itinerário que devemos percorrer aqui, para dar uma visão de conjunto da filosofia bergsoniana, ainda que deliberadamente introdutória. Em primeiro lugar, pretendemos mostrar o que é esse devir, essa duração que se manifesta no interior da consciência. Num segundo momento, desejamos amplificar a psicologia, no sentido da cosmologia, no intuito de explicitar que não é apenas a consciência que se define como mudança incessante, mas a totalidade do real. E, por fim, aplicaremos essa filosofia da mobilidade ou da temporalidade ao campo dos assuntos humanos (sociedade, moralidade e religião).